

MANUELA ALVES

Entrevistada por Maria Augusta Silva

JANEIRO 1999

Entrevista realizada na ocasião do lançamento do livro infantil *Férias Ecológicas*,
ilustrado por André Letria

Uma escrita simples e bela, valorizada pela criatividade gráfica de André Letria. Uma história de olhos postos nos afetos, na célula familiar, na descoberta, no encontro e na defesa da Natureza. Décadas de exercício jornalístico que harmoniza com um jeito admirável de contar, de falar com as crianças e adultos.

O regresso à escrita com *Férias Ecológicas* para crianças, após dez anos de interregno, tem alguma motivação especial?

Causas remotas e próximas. Nestes anos tive ideias que, por razões várias, não concretizei, mas aguçaram o desejo de prosseguir. A razão próxima foi o repto de um dos responsáveis pela Editorial Notícias, Alexandre Manuel, a quem me ligam a profissão e uma amizade de muitos anos.

Satisfê-la o resultado?

O livro ficou muito bonito, não só pelo formato, mas porque o ilustrador, André Letria, é um jovem com muitíssimo talento e deu uma dimensão estética espantosa à história.

A preferência pela temática ecológica marcou já o seu primeiro livro, *Salpico*. Tenciona continuar por aí?

Eventualmente. A descoberta do meio ambiente e de que é preciso acarinhá-lo pode ser um caminho para uma criança crescer em harmonia com o que a rodeia, seres humanos incluídos. É sobretudo isso que me fascina.

Julga fundamental que a literatura infantil tenha um sentido pedagógico?

É fundamental que seja literatura para crianças. O mais é opção.

Importante que as narrativas para crianças criem um forte envolvimento da célula familiar?

Só na medida em que a célula familiar é o primeiro círculo de socialização, representa as raízes da criança. Também aqui se trata de optar. Podem-se contar histórias sem passar por aí.

Teve uma infância feliz?

Relativamente. Nasci no fascismo, quando a repressão se fazia sentir a todos os níveis. Só nas famílias em que havia uma forte consciência de liberdade as crianças conseguiram crescer à margem dessa opressão. Comecei cedo a contar histórias a mim própria para me evadir. Creio que, a partir daí, fiquei, de preferência, lá por cima, ou ali ao lado, com dificuldade de pôr o pé em terra.

Lembra-se ainda de algumas dessas histórias?

Em pormenor não. Tenho ideia de que eram histórias com personagens do meu quotidiano mas com comportamentos que inventava. Eu entrava sempre, claro.

Que livros povoaram essa infância?

Os tradicionais contos de fadas e fábulas; depois lembro-me de ter gostado muito de *O Pequeno Lorde* e *A Princesinha*, de Frances Burnet. Já no liceu, fez as minhas delícias o romance *Rapariga*, de Ester de Lemos.

Lia mais em tempo de férias?

É natural que sim, estava liberta das aulas. Se bem que fazia algumas leituras na biblioteca do Liceu Dona Filipa de Lencastre. Foi lá que descobri, por exemplo, *Mulherzinhas* e a literatura das famosas irmãs Brontë.

As férias podem ser o momento privilegiado para filhos e pais se conhecerem melhor e partilharem mais os seus afetos?

É desejável que aconteça sempre. Parece-me, no entanto, que a disponibilidade em férias propicia maior aproximação, melhor conhecimento e, até, descobertas. Às vezes vivemos debaixo do mesmo teto, comemos à mesma mesa, mas não nos conhecemos. Creio que se verifica mais com os pais, e menos com as mães, em relação aos filhos pequenos. Seria bom que mudasse.

Isso tem que ver com a sua experiência pessoal?

Também. Lembro-me que, a primeira vez que eu e a minha filha passámos férias só as duas tinha ela três anos. Uma noite, depois de tagarelarmos, ela comentou: «agora sei mais de ti». O meu ego exultou e acho que nunca me vou esquecer da expressão séria e terna com que ela falou.

O homem, tradicionalmente, está ainda muito alheado da educação dos filhos pequenos?

Os que não se libertaram da educação conservadora que receberam estão. Mas julgo que nas gerações mais jovens já se encontram pais que partilham com as mães as funções de cuidadores dos filhos pequenos.

Recorda algum sítio especial onde tenha passado as suas férias em criança?

A aldeia do meu pai, no concelho de Mação, onde, quinze dias por ano gozava de liberdade.

Que liberdade sentia?

Não ter de pedir para ir à rua ou a outra casa conviver com gente miúda. Bastava abrir a porta e ali estavam os primos. Durante o ano, tinha o meu irmão e, de vez em quando, os filhos dos vizinhos.

Em termos de irmãos, sendo rapariga e rapaz, como conciliavam as vossas brincadeiras?

Não conciliávamos. Como mais velha quase cinco anos, tentava dominá-lo. Brigávamos. Aí os adultos intervinham. Havia ralhos, castigos, lágrimas e a brincadeira acabava. As nossas brigas ficaram por resolver, o que prejudicou a nossa relação e o nosso crescimento.

Neste seu novo livro, o afeto entre irmãos tem uma força espantosa...

Talvez isso se prenda com a noção de que os laços afetivos na família são preciosos.

Em dado momento da história faz desaparecer o Manel na floresta. Foi para reforçar esse apelo aos afetos?

Julgo ser um episódio em que uma criança descobre que o pai não é só o homem apressado e distante de todos os dias, mas alguém capaz de se preocupar e sofrer pelos filhos; e em que o pai descobre igualmente até que ponto os filhos são importantes para ele...

As árvores, o fogo das lareiras, as aves seduzem-na especialmente neste seu novo livro. Que empatia é esta?

Talvez marcas das minhas férias de infância. Quem se aqueceu ao fogo de uma lareira de aldeia, que graça pode achar a um aquecedor elétrico? Só por necessidade...

Gostaria de ver as aldeias reabilitadas?

Claro. Nelas se encontram as raízes de grande parte do nosso povo e da nossa cultura. Isto sem prejuízo da evolução.

Prefere uma árvore natalícia artificial ou um pinheiro arrancado à terra?

Prefiro não arrancar a árvore.

A poesia que passa pela forma como descreve alguns cenários acaba por ser um refúgio?

Nunca pensei nisso. Os cenários surgem-me assim como os descrevo. Mas admito que possa ser um refúgio de quem vive diariamente no caos da cidade.

Ao fim de trinta anos no jornalismo, se pudesse voltar atrás, mudaria alguma coisa?

Se fosse possível, tentaria com uma varinha de condão erradicar o regime que instituiu a Censura. Mas como muita gente lutou por isso e só em Abril de 1974 o conseguiu, e como também à minha mão nenhuma varinha chegou, acho que poria as pessoas certas nos

lugares certos.

Nunca se zangou com esta profissão?

Com a profissão em si mesma, não. Talvez nenhuma outra me tivesse proporcionado o conhecimento que esta me deu. Com as pessoas que impõem condicionalismos ao exercício da profissão, sim. Tenho engolido alguns sapos vivos, antes e depois do 25 de Abril.

Entre o jornalismo do início da sua carreira, nos anos sessenta, e o de hoje, quais os caminhos ainda comuns e os que mais os separa?

Comum, ocorre-me de momento apenas um: o jornalista continua a ser o profissional que recolhe dados junto de uma ou mais fontes para elaborar a sua peça informativa. Os caminhos que nos separam são os ditados por uma sociedade com outras metas. Na década de sessenta sabíamos – ou intuíamos – que a rasteira à sombra de um par de botas tinha um dia de acabar. Julgo que havia, pelo menos na minha geração, uma certa consciência de missão coletiva. Hoje, o que acontece é viver-se para o dia-a-dia e os interesses inscrevem-se muito mais na esfera do individual.

Momentos marcantes da sua carreira jornalística?

Antes de mais, as eufóricas vivências do 25 de Abril, a aprendizagem da liberdade. Depois, momentos de encontro com pessoas que, às vezes, só com uma palavra rasgaram horizontes.

Foram algumas das diferentes realidades que encontrou enquanto jornalista que a levaram a escrever para crianças?

Penso que não. Sim o prazer de escrever para elas. Mas como estive muito tempo ligada ao setor de educação, enquanto jornalista, talvez isso tenha contribuído para entender melhor o mundo da criança.

Torna-se difícil passar da escrita jornalística para a outra, com a qual se dirige às crianças?

Não é difícil. Mas como sinto necessidade de me envolver com o que escrevo, a dificuldade está em encontrar espaço no dia-a-dia para esse envolvimento.

Licenciada em filologia germânica, a língua portuguesa é a sua eleita?

Naturalmente. É a minha língua materna, a que melhor domino, da qual conheço alguns segredos e a que me tem ajudado a viver e a sonhar.

© MARIA AUGUSTA SILVA



SEGUNDA ENTREVISTA

REALIZADA EM JULHO 2000

O seu novo livro, *O Ministro da Paciência*, é um compromisso entre a história lúdica para as crianças e uma subtil crítica bem-humorada para os adultos?

Não sei se é um compromisso. Pelo menos, não o foi intencionalmente. Mas cada pessoa faz a sua leitura, como é natural. Se a história disser alguma coisa a crianças e adultos, ótimo. Quando estava a escrevê-la predominou o aspeto lúdico.

Este trabalho literário, depois de *Salpico* e de *As Férias Ecológicas*, parece ser o que oferece uma linguagem porventura mais apostada na leitura para a infância. Verdade?

Talvez seja, embora não de forma deliberada. Como a intenção foi fazer um livro divertido, na medida em que o conteúdo pode condicionar a forma, o discurso, neste caso, ter-se-á tornado mais solto.

Precisávamos de ter um ministro da Paciência a sério?

Até certo ponto, sim, porque o cidadão comum precisa, de facto, de cada vez mais paciência para conseguir conviver com inépcias, irracionalidades, enfim, o inexplicável dos obstáculos com que nos defrontamos diariamente. Reconheço, no entanto, que paciência em demasia pode obstar a que uma sociedade faça as alterações de fundo que às vezes se impõem.

O seu ministro da Paciência chama-se Sebastião Domingos Folgado? Nome satírico?

Pretendeu ser sugestivo. Sebastião é um nome com raízes na memória da infância («Sebastião come tudo, tudo, tudo»...). Depois, Domingos Folgado, porque se trata de uma personagem serena como, aliás, convém a um ministro da Paciência. Digamos que a personagem é o oposto de um «turboministro».

No fundo, a grande paciência é do povo, como diz no seu livro...

A história mostra-nos ser o povo (o povo trabalhador por conta de outrem, entenda-se) que desgraçadamente paga todas as faturas: dos erros, enganos, hesitações, interesses, impostos... e até, quantas vezes, dos grandes ideais. Portanto, é o povo que precisa de paciência. A função do ministro Sebastião é gerir a paciência que

existe para, possivelmente, ajudar o povo a viver.

Para desgraça do povo, não existem as tais miraculosas bilhas de paciência que o ministro do seu livro receita e oferece aos aflitos...

É por isso que na vida real (ficção é ficção) o povo se suicida, se rebela, envereda por caminhos de marginalidade ou come os sapos vivos e aguenta.

As crianças que vão ler *O Ministro da Paciência* já conseguirão entender isso?

Julgo que não e nem esse foi o meu objetivo. O que eu gostaria era que as crianças se divertissem a ler a história. Cada leitor lê uma história com a bagagem que tem dentro de si, tenha oito ou oitenta anos.

Por que prolongou na história deste livro o delicioso enigma à volta de um Príncipe e Princesa que, afinal, são gatinhos?

As palavras apaixonam-me. Os seus sentidos relativos, correlativos, etc., sejam substantivos próprios ou comuns, fazem delas uma riquíssima fonte de sugestões. Portanto, propus-me escrever uma história divertida e aconteceu um enigma nascer do facto de Príncipe e Princesa poderem designar figuras da realeza ou animais de estimação.

Sentiu mais alegria por ter sido uma criança a dar-lhe o “mote” para o seu novo livro?

Deu-me alegria, com certeza, o facto de mais uma vez constatar que as crianças nos dão grandes lições, mesmo nos seus pequenos-grandes enganar.

Já alguma vez sentiu a paciência a esgotar-se-lhe?

A paciência é um valor que aprecio muitíssimo porque, desde que tenho memória, me lembro de ser uma criatura impaciente.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*